

## AINDA AS RAÍZES

“Paçoca, amendoim salgadinho”, assim era o jargão cantado, nos finais de semana, em voz alta e com entonação característica, pelo vendedor postado à frente do velho Cine Santa Helena. Todos aquelas iguarias embaladas em caprichados canudos de papel e postas em um grande cesto sobre suporte dobrável de madeira, pois segurá-lo nos braços, por evidente, seria bastante penoso. No Santa Helena, além das concorridas matinês aos domingos, havia sessões de cinema às dezenove e às vinte e uma horas. Suas poltronas eram duras, mas ninguém se importava com isso. Nele assisti a grandes filmes, a princípio em branco e preto, e só mais tarde em deslumbrante “technicolor”, que a todos encantava, mas cuja qualidade estava a centenas de anos da moderna alta definição. Recordo-me de episódio que me deixou muito triste: havia ganhado do Professor Arouca algumas revistas em francês, que levei a fim de mostrar à então namorada, hoje minha esposa de mais de meio século. Sentamo-nos em poltronas contíguas e como a de meu lado também encontrava-se desocupada, deixei as preciosas publicações em seu assento. Ao final da sessão, percebi que haviam sido surrupiadas. Acreditem, até hoje me pergunto como fui distrair-me tanto que nem sequer percebi o furto...

A poucos passos do cinema havia estabelecimento muito badalado naquela época: o Bar Sônia, de família de japoneses. Seus sorvetes eram então bastante apreciados, em especial o chamado “skimo”, assim mesmo grafado na tabela de preços. As pessoas o pronunciavam como paroxítone, ou seja, a tônica no “ki”, mas provavelmente – e aqui vai mera opinião minha – o correto deveria ser com a tônica no “mo”, pois seria uma diferente forma gráfica de “esquimó”, lembrando um iglu, pois de creme por dentro, com uma casquinha de chocolate por fora. Era naquele bar que se compravam as encantadoras caixinhas vermelhas de uva passa da Califórnia, então produto bastante raro, e as cobiçadas “manzanas” argentinas, de preço acessível a poucos. Lá também se comia deliciosa “pizza” sempre bem quentinha, vendida inteira ou em pedaços. Quantas vezes

**lamentei não poder comer mais de um, que minhas finanças, sempre muito bem controladas, não permitiam.**

**Também me trazem ternas recordações a pastelaria do Saíto, na esquina da Rua Júlio Mesquita, assim como, do outro lado, o Bar da Dona Maria, bem modesto, mas com um salão de bilhar onde aprendi as primícias do “snoocker”, jogo que exige não somente habilidade, mas também inteligência.**

**Recordo-me disso tudo com imensas saudades. Afinal, das próprias raízes jamais nos esquecemos. E volta e meia comento com pessoas amigas esses lances todos de minha vida, talvez como forma inconsciente de perpetuá-los.**

**Foi o que fiz com “Tante Clo”, aquela brasileira radicada no interior da França, que dá aulas de português aos interessados na “última flor do Lácio, inculta e bela”, no dizer poético de Bilac. Mas quando lhe contei o episódio das revistas francesas furtadas, ela, com o nobre intuito de consolar-me, disse: “Não se preocupe que vou lhe mandar o último número do Nouvel Observateur”. Até hoje estou esperando. É... parece que por lá, como aqui, as coisas não andam bem...**

**Darly Viganó**

**darly.viganó@gmail.com**